

x-rite

colorchecker CLASSIC



# PORTUGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

SEPARATA DO TOMO II, FASCICULO 3

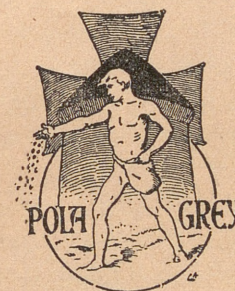
Rocha Peixoto

ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA

# O TRAJE SERRANO

(NORTE DE PORTUGAL)

COM 55 ILLUSTRACOES NO TEXTO



PORTO  
IMPRESA PORTUGUEZA  
112 - Rua Formosa - 112

1907

Donación  
De Hoyos



R.18592

PORTVGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

SEPARATA DO TOMO II, FASCICULO 3

Rocha Peixoto

*Homenagem de  
Amélia*

ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA

O TRAJE SERRANO

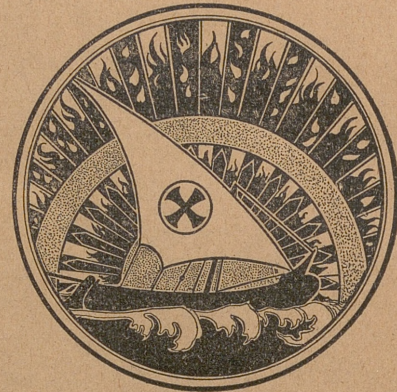
(NORTE DE PORTUGAL)

COM 55 ILLUSTRAÇÕES NO TEXTO



PORTO  
IMPRESA PORTUGUEZA  
112 - Rua Formosa - 112

1907



88:942

P

C236-5

Sig.: C236-05  
Tit.: O traje serrano : (norte de Por  
Aut.: Rocha Peixoto, António Augusto  
Cód.: 1032429



# PORTVGALIA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ

SEPARATA DO TOMO II, FASCICULO 3

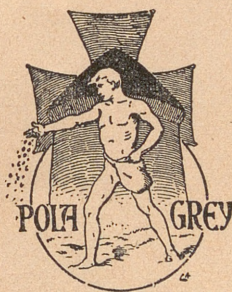
Rocha Peixoto

ETHNOGRAPHIA PORTUGUESA

# O TRAJE SERRANO

(NORTE DE PORTUGAL)

COM 55 ILLUSTRAÇÕES NO TEXTO



PORTO  
IMPRESA PORTUGUEZA  
112 — Rua Formosa — 112

1907

Donación  
De Hoyos



R.18592



EX-LIBRIS

# O TRAJE SERRANO

(NORTE DE PORTUGAL)

A SUBSTITUIÇÃO dos antigos processos de fiação e tecelagem, agora mais expeditos e incomparavelmente productivos, as facilidades de viação e de transportes, a superprodução e a concorrência, o derivado embaratecimento do artefacto e, d'algum modo, as alterações do velho regimen social, destruíram o individualismo das modas regionaes, mesmo nos povos, como os serranos, onde o prestigio do vestuario tradicional mais resistia ao influxo alheio. Se os velhos de ordinario se conservam fieis ao uso antigo e, em regra, o povo menos varia de traje do que os ricos, no campo, e na serra principalmente, mais radicado se manifestava o respeito pelos costumes legados. Em varias regiões de Hespanha certos trajes característicos permaneciam como vinculados a ellas por uma antiguidade de quatro e cinco centurias <sup>1</sup>; e na alta idade-media as roupas de lã grossa e espessa, e sobretudo as de gala e cerimonia, passavam, nas classes ruraes francezas, até á quarta geração <sup>2</sup>. O homem do campo, em dias de feira ou de mercado, assistia, segundo a estação, vestido de linho ou de droguete, de fabrico caseiro nos dias longos em que passára o inverno <sup>3</sup>; mais restricto ainda, o serrano pyrenaico recorria á lã apenas, sua disponivel materia prima quasi unica, e que era o producto do rebanho <sup>4</sup>.

O que succedera nos dois paizes confinantes é o que, por similitude de circumstancias no estado social, se produzia na terra portuguesa e, por egual parallelismo de motivos, nas populações serranas. A tradição ainda vivaz e saudosamente transmittida,

<sup>1</sup> JOSÉ PUIGGARÍ, *Monografía histórica e iconográfica del traje*, pag. 266 e segs. J. y A. Bastinos ed. Barcelona, 1886.

<sup>2</sup> PAUL LACROIX (Bibliophile Jacob), *Mœurs, usages et costumes au Moyen-âge et à l'époque de la Renaissance*, pag. 558. F. Didot ed. Paris, 1871.

<sup>3</sup> LALANCE, *Les maisons-types de la région de Montbéliard (Doubs)*, in *Enquête sur les conditions de l'habitation en France*, I, pags. 121-2. Leroux ed. Paris, 1894. — SOULIÉ DE BRU, *Les maisons-types dans la région des Hautes-Alpes*, id., id., pags. 180-1.

<sup>4</sup> FERNAND BUTEL, *Une vallée pyrénéenne. La vallée d'Ossau*, pag. 99. Paris, 1894.

a subsistencia de alguns velhos despojos veneradamente conservados, um ou outro vago exemplo de observancia a antigos moldes e certos vestigios que os recursos, a occupação ou o clima obrigam a manter, depõem pela lenta mutabilidade passada dos vestuarios convencionaes. Mas os contrastes com a intensa transformação que as facilidades elaboradoras de ha um seculo occasionaram, mal se accusam já através dos residuos de habitos e fabricos que sobreviveram á mutação profunda dos costumes. Como a outro proposito se affirmára, tambem aqui « la plaine est maitresse du siècle et fait la guerre à la montagne » <sup>1</sup>. Dia a dia se adopta, e altera e renova a moda que sóbe da Ribeira, como esta já fôra pouco

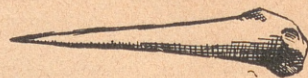


Fig. 1  
Furador de osso (Montalegre)  
 $\frac{1}{2}$  da gr. nat.



Fig. 2 a, b e c—Na Gralheira

antes invadida, e dominada e seduzida. De sorte que não é pela brevidade com que se introduz agora um padrão e logo extingue, que se formará um juízo certo da antiga persistencia e mais ainda da lenta evolução operada desde a nudez nativa ao modo actual como a velam.

De facto e inicialmente, para se subtrahir á influencia hostile das intemperies, garantindo-se dos frios e das chuvas, de certos extremos thermicos ligados ás estações e aos climas, dos mesmos accidentes meteoricos quotidianos, o homem, desde os tempos magdaleneanos, ao que se apura, creou o habito do vestuario. Na phase primor-

<sup>1</sup> J. MICHELET, *La montagne*, pag. 345, 3.ª ed. Paris, 1868.



Fig. 3  
Em S. Silvestre da Ermida  
(Serra da Amarella)

lobo, entre nós, e ainda os barretes de pelle de carneiro, de lebre e de coelho.

Utilizadas as pelles sob a forma de coiro, como já se observa em algumas estações prehistoricas e em outras de procedencia egypcia e hellenica, o homem, na phase pastoril immediata, iniciou-se progressivamente na arte de fiar e de tecer os pellos animaes, alcançando assim vestuarios mais quentes, mais leves, mais flexiveis e moldaveis ao organismo; na mythologia grega consagrava-se a ovelha a Mercurio, que fôra quem, astuto e divino, soubera primeiro despoja-la do seu vello!

Por fim, e já na phase agricola, a apropriação dos filamentos interiores de certos vegetaes era uma consequencia d'um saber já adquirido e da experiencia porventura anteriormente feita com o entrelaçamento de folhas de plantas. Estaria aqui até o passo inicial da tecelagem, ainda hoje recordado nas nossas sandalias de espar-

dial de caçador o revestimento encontrara-o na propria pelle das presas com que se havia alimentado, usada tal qual, sob o mesmo instincto, pelos povos mais distanciados. Attestam-o varios monumentos figurados do Egypto, os textos allusivos a gaulezes e germanicos, ao grego archaico, aos pastores do Lacio cujas sobrevivencias ainda são patentes nos Abruzzos <sup>1</sup>. Desembaraçada mais tarde dos pellos pela maceração em agoa com algumas cinzas ou outras substancias alcalinas <sup>2</sup> e assim conquistado um progresso sobre a primitiva e exclusiva extracção de carnes e gorduras, davam-se os primeiros passos, ainda remotos, para a descoberta da cortimenta, d'um lado, e d'outro para a apropriação do mais prestante textil animal <sup>3</sup>. As pelles, apenas limpas, subsistiriam em povos de cultura atrasada, ou como utilidades e reminiscencias que certas condições locais explicam e determinam em alguns artigos de limitado uso:



Fig. 4 — Em Rebordãos (Abas da Nogueira)

<sup>1</sup> LOUIS BOURDEAU, *Histoire de l'habillement et de la parure*, pags. 12-3. Alcan ed. Paris, 1904.

<sup>2</sup> J. DENIKER, *Les races et les peuples de la Terre*, pag. 213. Schleicher ed. Paris, 1900.

<sup>3</sup> BOURDEAU, ob. cit., pags. 20 e 57.





to <sup>1</sup>, nos chapéus de palha ruraes, nas coroças e coruchos, na esteiraria, na cestaria, na ceiraria, nas variadas obras de bunho e palha, de junça e jungo, de palma e vime.

Assim provido, e certamente após uma extensa e atormentada aprendizagem, o homem, defendendo-se dos rigores climaticos, dos bruscos contactos com os corpos



Fig. 5 — Capa de honras de Miranda  
Frente



Fig. 6 — Capa de honras de Miranda  
Perfil

solidos, dos aculeos e espinhos que erriçam certas plantas, das picadas de animaes aggressivos, dos solos endurecidos, ou cortantes, ou pulverulentos, ou lodosos, ainda attingira, de vario modo, as suas iniciaes aspirações estheticas <sup>2</sup>. Á sua vaidade ingenua foi sempre grato brilhar e distinguir-se, ou pintando-se com rabiscas e gregotins,

<sup>1</sup> No interessante espolio archeologico da Cueva de los Murciélagos, em Albuñol (Andaluzia), encontraram-se gorras e tunicas de esparto e bastante calçado da mesma fibra vegetal semelhante ás *agóvias* e *esparteñas* que ainda usam as classes pobres dos arredores: MANUEL DE GONGORA Y MARTINEZ, *Antigüedades prehistoricas de Andalucía*, pag. 31, fig. 3 da pl. II, pag. 34, fig. 18 e pag. 54. Madrid, 1868.

<sup>2</sup> BOURDEAU, ob. cit., pag. 2.

ou tatuando-se e mutilando-se, ou adornando-se com a mais varia e confusa multiplicidade de enfeites, ou vestindo-se mesmo com prodigalidade e exaggero, ainda que sob um clima terno e um ceu elemente! Para as mulheres, sobretudo, foi e será a arte suprema, depois do que e sómente o convencional sentimento do pudor é attendido.

Sobre estes topicos evolutivos do traje, necessariamente adstrictos a certos povos e correntes, como se poderão marcar, além do successivo caminhar de adaptações e progressos de fabrico, e mais ainda da infinita, peculiar e dilatada modalidade dos córtes, os periodos de tempo que uma aquisição nova de tecido ou um talhe de veste demandaram para se estabelecerem e fixarem? Nos tempos da infancia industrial seriam por vezes tam longos como a epocha em que certos povos surgiram para a tradição e para a Historia, n'ella fulgiram e por fim se abysmaram; mais tarde a incessante busca, melhorando e variando machinas e artefactos, naturalmente promovia a substituição dos velhos padrões, morosamente, comprovadamente reconhecidos de mais prestimo; e por ultimo, com a revolução assignalada da transformação mechanica dos processos technicos, dos consequentes preços abordaveis e das communicações facilitadas, haveriam de cessar os modelos tradicionaes, acantonados, na região e no tempo, pelo quasi sequestro das populações, pelo respeito



Fig. 8  
Em Canadello  
(Marão)



Fig. 7—Capa de honras de Miranda  
Costas

atribuído ao passado, pela rotina manufactureira local, pela limitação aos recursos de em volta, pelo proprio sentimento de conservar resistente e duravel o que tam penoso fôra de produsir e elaborar.

Assim é comprehensivel como se surprehendem na montanha, independentemente do que, pelas condições ambientes, subsiste e permanecerá exclusivo da vida nas alturas, as infiltrações da moda e artigos estranhos aos costumes, aos productos e ao trabalho locaes, e ainda como diminue crescentemente, desenganadamente, a affanosa mas sobria, salutar e economica sufficiencia dos seus meios de acção e de labor.

Procedendo ao registro do que actualmente constitue a vestidura do montanhez no norte de Portugal, denunciando as intrusões recentes, accusando os modelos locaes e determinando-lhes, quanto possivel, as ascendencias mais ou menos longinquas, occorrem, principiando, as roupas interiores. Não são, decerto, aquellas cujo habito radica em epochas mais distantes: no oriente e no mundo greco-

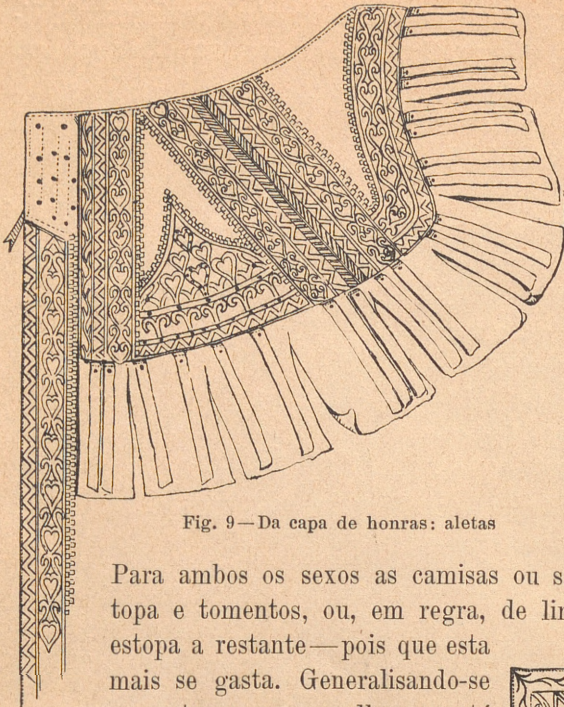


Fig. 9 — Da capa de honras: aletas

Para ambos os sexos as camisas ou são effectivamente só de linho, ou de estopa e tomentos, ou, em regra, de linho a metade que vae até á cinta e de estopa a restante — pois que esta mais se gasta. Generalisando-se o costume nas mulheres, até mesmo nas populações da planicie, nos homens é mais raro (Castro Laboreiro, Barroso, Gralheira), como raro n'elles é já hoje o opposto e antigo habito mirandez das compridas camisas até abaixo dos joelhos. Succede emtanto que em Montalegre e no seu aro, nas faldas de Larouco e para os lados de Vinhaes, esta vestimenta se limita pelas ancas nos tempos ordinarios de trabalho, em contraste, nas occasiões festivas, com os abundantes folhos das fraldas e dos tufos anteriores, as rendas e abertos na gola e peito e os bordos a branco, vermelho e azul no trespasse e no pescoço. Em padrões das masculinas, já em desuso, por equal os peitos

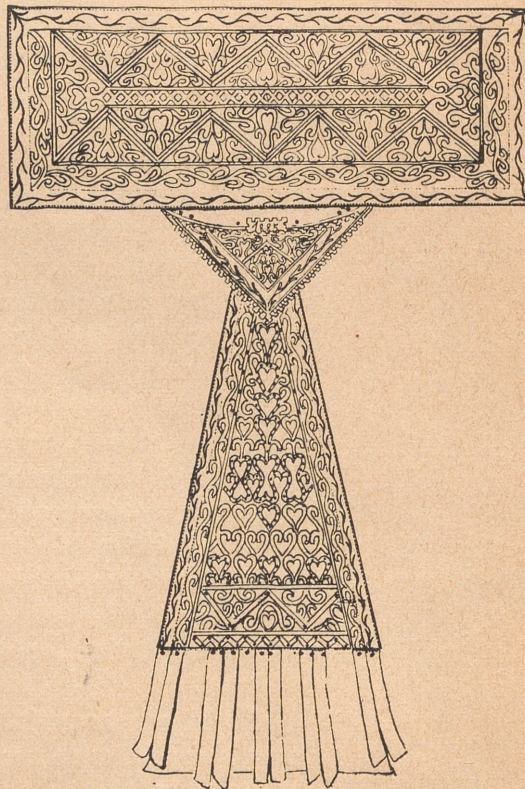
Fig. 10  
Da capa de honras:  
abertura

Fig. 11 — Da capa de honras: o capuz e a honra

romano as tunicas de linho de uso interno eram privilegio de classes ricas. Só da Renascença em diante é que se vulgarisa um pouco a roupa branca <sup>1</sup>, e fixa-se em França o seculo XIII para o inicio do emprego da camisa como hoje é usada, approximadamente <sup>2</sup>. Nos primeiros tempos da monarchia, porém, já existia entre nós a cultura do linho, e sem cessar augmentava, fabricando-se o bragal em casa, ou pela familia ou por tecelões de officio <sup>3</sup>. De preferencia o serrano ainda adopta o mais excellente dos filamentos vegetaes, sob o triplice aspecto, limpo e residuario, de linho, estopa e tomentos. *estopa grossa, bona*

<sup>1</sup> BOURDEAU, ob. cit., pags. 209-10.

<sup>2</sup> J. QUICHERAT, *Histoire du costume en France*, pag. 181. Hachette ed. Paris, 1875.

<sup>3</sup> ALBERTO SAMPAIO, *As « villas » do norte de Portugal*, in *Portugalia*, I, pag. 786. Porto, 1903.

tufavam, multiplicavam-se os extinctos botões de linha, franziam-se e bordavam-se as hombreiras e, nos collarinhos altos, sobresahiam os ilhós alinhados e perfeitos e a breve silva bordada a branco ou polychromica (Pitões, Terra de Miranda).

Para saias ou anagoas ainda são os tomentos, a estopa ou o linho a materia prima de escolha, quando os tecidos de algodão, como as baetas e branquetas para camisolas (Soajo, Barroso, Montesinho) e saiotos (Campeã, Miranda) não invadem já estes dominios outr'ora inacessiveis aos textís que não fossem regionaes.



Fig. 12 a, b e c—Na Serra de Arga

As meias, inicialmente formadas de retalhos unidos e só fabricadas de malha ha tresentos annos <sup>1</sup>, abundam na serra, sob a denominação, para homens, de *carpins* ou *meiotes*, e sob a de *piucas*, quando sem pé, para mulheres. É o mesmo typo usado nos Pyrineus <sup>2</sup>: cano, apenas, do joelho ao tornozello, em malha de lã indigena, preferente-mente brancas n'uns logares (Serra de Arga, Castro Laboreiro), indifferentemente brancas ou pretas n'outros (Barroso), *redondas* ou *derrabadas*, como lhes chamam na Gralheira e em Montemuro, por economia, mas imprescindiveis em virtude do frio nas pernas e dos

<sup>1</sup> QUICHERAT, ob. cit., pag. 98.

<sup>2</sup> BUTEL, ob. cit., pags. 33 e 100.





Fig. 13 — No Marão

sados ao deante pelos arabes <sup>2</sup>, logra ainda a primazia, principalmente pelo seu indigenato tradicional na península, extensivo, de resto, ás Gallias, cujos tecidos foram reputadissimos <sup>3</sup>, á Italia, onde o obtinham de tempos immemoriaes <sup>4</sup> e até ao Egypto, onde primeiro se cultivou, onde se produsiram as melhores especies <sup>5</sup> e onde se fabricaram, na antiguidade, os melhores productos.

Para as roupas exteriores os tecidos de lã local é que mais rapidamente se substituem. A sua rudeza e grosseria, contrastando com o apparato dos tecidos que fornece a

contactos d'estas com certa vegetação silvestre. O desuso, entretanto, accelera-se, definitivamente em Montesinho, e progressivamente no Soajo, na Amarella, no Gerez e em Faifa, Esther, no concelho de Castro Daire, tendo-se-lhes antecipado, na Cabração, faldas de Arga, as piucas de *cabrestilho*, isto é, com uma presilha por baixo, em Sendim de Miranda as *meias de meio pé* e, nas povoações de Reigoso, Pondres, Venda Nova e outras mais do planalto barrosão, as quasi esquecidas *adelhas*, que eram piucas com calcanhar e sem pé, dando a illusão, quando a mulher estava calçada, de que effectivamente usava meia inteira! As completas e vasadas á frente, de trabalho caseiro manual, eram o termo ascendente do luxo n'este pormenor vestimentario!

Nas roupas interiores é, pois, o linho que, não obstante a invasão dos algodões, aliás já presumivelmente introduzidos na Iberia pelos phenicios, adoptados pelos romanos pouco antes da era presente <sup>1</sup> e mais vulgaris-



Fig. 14 — Em Miranda

<sup>1</sup> J. MARQUARDT, *La vie privée des romains*, II, pag. 120. Fontemoing ed. (1893).

<sup>2</sup> BOURDEAU, ob. cit., pag. 43.

<sup>3</sup> ERNEST DESJARDINS, *Géographie historique et administrative de la Gaule romaine*, I, pag. 450. Hachette ed. Paris, 1876.

<sup>4</sup> MARQUARDT, ob. cit., II, pag. 115.

<sup>5</sup> ALPH. DE CANDOLLE, *Origine des plantes cultivées*, pag. 98 e segs. Baillièrè & C.<sup>ie</sup> eds. Paris, 1883. — MARQUARDT, ob. cit., II, pags. 111-3.

moderna industria, decide pouco e pouco á preferencia, desthronando-se assim o mais precioso dos textis, decerto o primeiro manufacturado, entre outros, conforme os escriptores da antiguidade, por gregos, gaulezes, romanos e lusitanos <sup>1</sup>, e, em ultima analyse, o mais isolador e o mais adequado ás condições meteoricas das alturas. Com essas qualidades essenciaes, ás quaes o instincto e a experiencia associou, entre os habitantes de clima rigoroso e em toda a parte <sup>2</sup>, a justeza estreita ao corpo, subsistiram durante muitos seculos os tecidos que os bureis ainda actualmente representam.

*bureis*



Fig. 15 — Em Castro Laboreiro

Esta denominação generica, que a leste de Traz-os-Montes se traduz por *pardos*, estende-se ainda ao *riscadilho* ou *rascadilho* em Castro Laboreiro e *xerga* ou *enxerga* em Miranda do Douro, que são bureis menos espessos e mais leves e, em regra, destinados a mulheres e a creanças. Se á lâ, porém, associam a estopa, ainda com est'ultimo intento, distinguem-se então, conforme as regiões, por outros nomes, o mais vulgar e conhecido dos quaes é a *sirguilha* ou *serguilha* (Soajo, Lindoso, Gralheira), a *liteira* ou *faldrilha* de Arga, o *chiscado* de Villarinho de Negrões e ainda o *amanhezado* de Castro Laboreiro em que, aliás, ao linho se substitue o algodão.

Para maior alisamento e mais firmeza uns e outros, depois de fabricados em casa

<sup>1</sup> DE BELLOQUET, *Ethnogénie gauloise*, III, pags. 74 e 77. Maisonneuve & C.<sup>ie</sup> eds. Paris, 1868. — MARQUARDT, ob. cit., II, pags. 105-6. — DESJARDINS, ob. cit., I, pags. 461-2.

<sup>2</sup> FELIX REGNAULT, *L'évolution du costume*, in *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, v.<sup>e</sup> série, I, pag. 332. Paris, 1900. — LACROIX, ob. cit., pag. 546.

pelas mulheres, vão ao fulão a apisoar — a *fuloar* como em geral dizem — complemento este de correcção já conhecido desde remota antiguidade <sup>1</sup>. *Meio fulão* basta para os tecidos mixtos que, nem por occuparem menos o pisoeiro, se denominam simplesmente por vezes, como os bureis legitimos, *fuloados*.

A côr acastanhada em que todos se exhibem nos fatos masculinos, ás vezes mesmo de tons bastante escuros, faz pensar no lusitano descrito por Estrabão, vestido de lã grosseira e negra <sup>2</sup>. As liteiras das mulheres, porém, os riscadinhos, as sirguilhas e outros tecidos mixtos são frequentemente tingidos, ás listas longitudinaes e sobre um fundo sombrio, na propria região de fabrico, com drogas obtidas no commercio ou procedentes até da vegetação local, como, na Gralheira, a casca do amieiro <sup>3</sup>.



Fig. 17  
Em Sendim de Miranda

Nem o sexo renunciaria ás cambiantes do seu traje, tanto, desde a barbarie até á civilização mais avançada, a mulher se deleita com a polychromia da vestidura e dos enfeites <sup>4</sup>. Todavia, e nomeadamente em Traz-os-Montes e na Beira serrana, nunca os matizes teem a variedade e gradação alacre que fazem o enlêvo da população feminina ribeirinha, sobretudo no littoral dos districtos de Aveiro, Porto, Braga e Vianna do Castello, lembrando mesmo os tecidos de est'ultimo, listados e enxadrezados, o proclamado gosto celtico pela vivacidade e variedade dos coloridos nos seus trajes, ás tiras e aos quadrados <sup>5</sup>.

As peças de vestuario que alguém da familia não está habilitada a fabricar, entregam-se ao profissional, se antes, e principalmente em tempos idos, este não é convidado a vir trabalhar sob a directa inspecção do interessado. Então come, e bebe e ganha a geira, ou seja, em dinheiro, o salario quotidiano estipulado. Para manufacturar uma

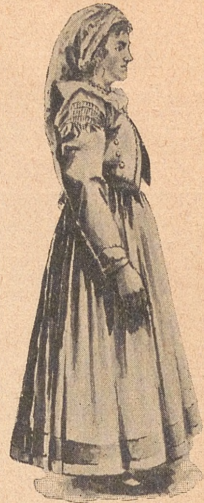


Fig. 16  
Em Miranda

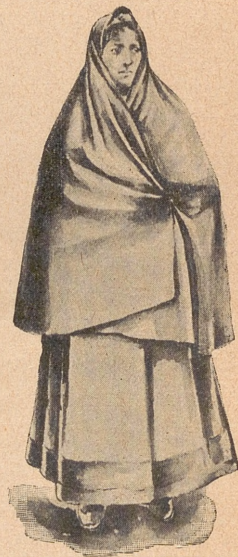


Fig. 18  
Em Miranda

<sup>1</sup> DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Fullonica* de A. JACOB, II, 2.ªme part., pag. 1349. Hac. ed. Paris, 1896. — DESJARDINS, ob. cit., I, pag. 565.

<sup>2</sup> *Descripção da Península iberica. Livro 3.º da Geographia de ESTRABÃO* (1.ª parte). Versão de GABRIEL PEREIRA, pag. 31. Typ. de C. Bravo. Evora, 1878. — DE BELLOGUET, ob. cit., pag. 85.

<sup>3</sup> Como tenham de ser objecto de estudos especiaes as artes e industrias que interessam ao vestuario o A. abstem-se, n'este logar, de pormenores technicos.

<sup>4</sup> CHARLES BLANC, *L'art dans la parure et dans le vêtement*, pags. 30-2. H. Laurens ed. Paris, s. d.

<sup>5</sup> G. DOTIN, *Manuel pour servir à l'étude de l'Antiquité Celtique*, pag. 131. H. Champion ed. Paris, 1906. — DESJARDINS, ob. cit., II, pag. 565. — BOURDEAU, ob. cit., pag. 163.

capa de honras ordinaria e mais corrente são quatro geiras ou quatro dias; e vae a trinta se os arrendados se complicam e mais perfeito sahe o acabamento. É então de vêr, para uma suggestão fugidía do passado, a ferramenta elementar, tradicional e até herdada, como esse furador d'osso, talvez do peroneo d'um mammifero (fig. 1), já usado pelo pae e avó do artifice (Friães, freguesia de Veade, concelho de Montalegre), certas medidas de convenção familiar ou local, os agulheiros de madeira esculpturados, as caixas de chifre ornatadas para linhas e botões!



Fig. 19 a, b e c — Na Gralheira

Com destino <sup>curiel</sup> aos homens o vestimenteiro talha, corta e última a peça ou peças d'um fato de burel, de borlinas ou saragoças procedentes da Beira, de cotim ou *fazenda* adquiridas no mercado. Do *terno* fazem parte as calças, o collete e a jaqueta (fig. 2 a). As primeiras, de burel (Rebordãos, Amarella, Arga), de lã e estopa, para cotío, (Soajo, Terras de Barroso, etc.) e de qualquer outro tecido mais moderno para festa, succederam ao calção, outr'ora geral e hoje apenas lembrado em algumas localidades (Pitões, Lindoso), raramente subsistente n'outras (Terra de Miranda) e apenas ainda usado um pouco na Estrella e para o Alemtejo <sup>1</sup>. O soajeiro, que em numero emigra para a capital, adopta mesmo, contrastando com o figurino usual, a calça *de bocca de sino* que viu nos fadistas das alfurjas lisboetas!

<sup>1</sup> JOSÉ DA SILVA PICÃO, *Atravéz dos campos. Usos e costumes agricolo-alemtejanos*, III, pag. 178 e segs. Torres de Carvalho ed. Elvas, s. d.



Calções e calças teem a ascendencia nas bragas dos gaulezes, dos ligures, dos sarmatas <sup>1</sup> e até dos iberos <sup>2</sup>, justas ou largas e fluctuantes, excedendo ou limitando-se ao joelho, consideradas pelos gregos e romanos como veste propria dos povos barbaros mas afinal tambem adoptadas por aquelles quando sob o clima rigoroso das populações que as usavam <sup>3</sup>. Ininterrupto depois o seu emprego encontram-se em França,



Fig. 20—Na chá de S. Vicente



Fig. 21—No planalto barrosão

no seculo x, largas e curtas, compridas e largas entre os homens do campo no seculo seguinte e outra vez nos camponeses, a toda a altura da perna e amplas, dois seculos mais tarde <sup>4</sup>—ou seja cahindo da cintura sobre o pé como aliás já assim as vestiam na antiguidade os parthos e os germanicos <sup>5</sup>.

Para as fixarem, eram muito apreciados, nas Alturas e em Pitões, os suspen-

<sup>1</sup> DE BELLOGUET, ob. cit., III, pag. 76.

<sup>2</sup> SERAFIN MARIA DE SOTTO, *Discurso histórico sobre el traje de los españoles desde los tiempos mas remotos hasta el reinado de los reyes catolicos*, pags. 6 e 8. Madrid, s. d.

<sup>3</sup> DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Bracce*, de E. SAGLIO, I, 1.ère part., pag. 746.—A. RICH, *Dict.*, vocs. *Feminalia* ou *Femoralia*, pag. 266. F. Didot ed. Paris, 1861.

<sup>4</sup> VIOLLET-LE-DUC, *Dict. raisonné du mobilier français de l'époque carlovingienne à la Renaissance*, voc. *Braies*, III, pags. 69-79. Morel & C.<sup>ie</sup> eds. Paris, 1872.

<sup>5</sup> RICH, *Dict.*, vocs. *Saraballa* ou *Sarabara*, pags. 553-4.

sorios localmente denominados *tiradeiras*, em geral de linho, e bordados, a ponto de cruz, com as côres azul, verde e vermelha salpicadas de missangas. Enrolada a facha de fabrico beirão, era sobre ella ou o collete que se envergava a *vestia*, antiga jaqueta que desapareceu com a *nisa* ou *casaca de rabos* das grandes solemnidades; e a rabona de toda a parte substitue-a, com divergencias apenas de altura, ás vezes em localidades da mesma serra: até ao Joelho em S. Silvestre da Ermida (fig. 3), mais curta



Fig. 22—Em Sendim de Miranda

em Cutêllo, logo adeante, e ainda, passando da Amarella para o Gerez, em S. João do Campo e em Covide. Em casos restrictos, como na occasião em que se atam os centeios, é que, em Barroso, despida a jaqueta, adaptam aos pulsos curtos cylindros ou *manguitos* de burel.

Attendendo aos agasalhos exteriores, mais nos extinctos *manteus* das mulheres do que em cobertura de homem seria licito presumir a sobrevivencia do *sago* iberico, gaulez, ligure e germanico, manto amplo, rectangular, mais ou menos curto, listado nos gallos, negro nos lusitanos <sup>1</sup>. O capote ou é o simples *garnacho* de Alhões, cor-

<sup>1</sup> H. D'ARBOIS DE JUBAINVILLE, *Les celtes en Espagne*, in *Revue Celtique*, XIV, pag. 367. E. Bouillon ed. Paris, 1893. — DOTTIN, ob. cit., pag. 129. — MARQUARDT, ob. cit., II, pags. 207-8. — DE BELLOQUET, ob. cit., III, pags. 71-7. — SOTTO, ob. cit., pag. 8. — RICH, *Dict.*, voc. *Sagum*, pag. 548.

tado em burel, ou a capa comprida de pardo com cabeção, gola larga, sem mangas nem botões, que se usa em parte de Barroso, em Montesinde e em Martim, Zoio, Refoyos, Carrazeda, Rebordãos (fig. 4) e outras povoações das faldas da serra da Nogueira.

O antigo gabão ou gabinardo, com mangas, cabeção e capuz, de passado uso geral no paiz, prevalece apenas em varias localidades, como Valle de Papas, na Gra-



Fig. 23—Em Montesinde



Fig. 24—Em Montesinde

lheira, e lembra n'outras, como Castro Laboreiro, sob as denominações desfiguradas, de *liberté* ou *labirté*; será o varino de talhe ribeirinho e muito mais o *capote á cavallaria* que succederão geralmente ás capas tradicionaes. Apenas em Miranda a *capa de honras* ainda avulta (figs. 5, 6 e 7), de burel ou de bom panno, custando 2\$000 reis ou importando em 45\$000, conforme a materia prima e a complicação decorativa. Em fato de homem é esta a peça do vestuario nacional mais profusamente enriquecida de ornamentos (figs. 9, 10 e 11); e para os obter nos logares proprios— a *honra*, o *capuz* e as *aletas* ou *hombreiras*—o alfaiate sobrepõe-lhes outro pedaço de tecido, cosendo-o segundo as indicações dos ornatos preconcebidos e depois recortando o superior pela guia que o ponto deixa.

O capuz annexo ao agasalho e utilizado quando chove ou contra o frio, póde ainda adoptar-se avulso, como em Canadello, defronte da Serra da Meia Via (fig. 8), na Campeã sob o nome de *capello*, em Arga, já não tanto de burel mas de tomentos (fig. 12 c), e por fim de jungos com as denominações varias de *capuchos*, *coruchos*, *coruchas* (Amarella) e *corucellos* (Pitões). Estes ultimos, ás vezes ainda revestidos



Fig. 25 — Em Miranda

das roupas nas segadas ou quando se lida com os adubos dos carros para os campos. Entretanto em Bornes, em Pitões e no Soajo o safão é já, ou virá a ser, um acessório de traje dispensado e esquecido.

Fig. 27  
Em Sendim de Miranda

superiormente de pelle de cabra, associam-se frequentemente ás *croças* ou *coroças*, de fabricação local ou de importação (fig. 13 e fig. 2 c) e que se veem desde a Cabreira a Montemuro, a Montesi-  
nho e a Arga, e, intermediariamente, na quasi totalidade das populações da Ribeira.

Á *coroça* ou *palhoça*, principal defeza contra a chuva, ha a accrescentar a *sagôna* (Sendim de Miranda), *seifão* (Barroso) ou *safão*, especialmente destinado para trabalhos no matto e no monte (fig. 12 c). É em geral de pelle de ovelha (Cabreira, Barroso), de anho (Barroso) e de cabrito (Arga, Miranda). No planalto barrosão houve-os mesmo de pelle de lobo; mas como as vaccas, pelo olfacto, reconhecessem a procedencia e lhes fugissem, abandonaram-se decididamente e só ao deante se usaram os ovinos. Suspensos da cintura aos joelhos, ou começando mesmo a meio do peito, os safões não só defendem da chuva, da humidade e até do frio, mas impedem ainda o estrago



Fig. 26 — Em Pitões

No vestuario das mulheres as sobrevivencias, ao contrario do que era licito presumir, exhibem-se em varios pormenores. Assim as saias exteriores, de liteira, de chiscado, de burel ou de *panno de fóra*, monochromaticas ou listadas, com pré-gas, tomados ou refegos e mais ou menos roda, obedecem essencialmente ao padrão habitual. Mas ainda não esqueceu em Miranda o rectangulo de pardo que se envolvia á cinta, como uma grande tanga, nem em Pitões desapareceu de vez, n'uma ou n'outra pessoa edosa, lembrando, á parte as dimensões, o pedaço de tecido que os egypcios das classes populares enrolavam em torno dos rins <sup>1</sup>.

Na terra mirandesa subsistem os rectangulos de pardo ou de xerga com que envolvem os corpos das creanças da cinta para baixo, como em Castro Laboreiro o *fateiro* de burel, com

<sup>1</sup> BOURDEAU, ob. cit., pag. 200.

egual destino, é o que resta d'esse envolvero antigo e elementar do corpo adulto feminino.

Agora em Miranda o ideal é possuir-se *saia de panno*; dá-la á filha significa que está já casadoira. E não vão muitos annos que um accessorio de luxo, em Castro Laboreiro, era a *saia de sete cutellos*, isto é, formada de sete tecidos diferentes, sendo, á frente, burel branco, e a seguir saragoça, palmilha e outras mais. Por sobre ellas, no trabalho ou na folga, o avental (fig. 15), nem sempre de rigor: ás vezes de luxo, e por isso de velludo com guarnição de rendas; outras para os serviços ordinarios, como o *mandil* comprido mirandez; outras ainda para agasalho e defeza, como



Fig. 28 — Na rechã da Campeã

o *singuidalho* ou *sanguidalho* castrejo, formando triangulo á frente, como nas costas o angulo d'um chale. Independentemente, mas accessivel por uma abertura lateral da saia, ha o annexo da *algibeira* que é de estopa, de burel, de saragoça ou de cotim, simples ou com lavôres polychromados.

Os *colletes*, que em tempos pouco distantes eram principalmente de linho (Cabração, nas faldas de Arga, S. João do Campo, no Gerez) e mais ou menos bordados com effusivo e juvenil enthusiasmo, pouco a pouco cedem a vez aos de cotins e de riscados (fig. 14). Mais olvidadas, porém, e quasi extinctas estão as fachas de lâ vermelha que se envolviam no busto por baixo do collete, em Castro Laboreiro, em Pitões e, na Lombada, em freguesias como Babe, S. Julião, Deilão, Villa Meão, Milhão e outras mais. É, decerto, o pormenor equivalente á *fascia pectoralis* que as mulheres gregas e romanas enrolavam debaixo dos seios, mesmo sobre a pelle e antes, portanto, da applicação da tunica interior <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Fascia* de G. LAFAYE, II, 2.ème part., pag. 980.

Aos luxuosos *jaqué* e *bajú* de panno azul ou negro, curtos e justos, com prégas e franzidos nas hobreiras, gola e punhos de velludo e atraz o rabo ou a pestana, de que alguns exemplares subsistem no planalto barrosão e em Terra de Miranda (figs. 16 e 17) succederam os jalecos ou casacos agaloados, com fila de botões simples ou dupla, á maneira como se usam geralmente em toda a aldeia. Accessoriamente e para o frio, em Pitões e nas Alturas, se guarnecem ainda os pulsos com *punhos*, *pulseiras* ou manguitos, que são como duplas extremidades de mangas que mais assegurem o agasalho.



Fig. 29 — No Soajo

De resto, contra o frio, os meios de defeza são variados. Do Soajo a Lindoso e nas povoações da Serra da Amarella, sobre os hombros ou sobre a cabeça, applicam as mulheres um avental, que aliás, quando para tal emprego, é mais amplo: sem prégas e sem fitas seria quasi uma mantilha. Já em Arga e nas povoações adjacentes, como Estorãos e S. Lourenço, adoptam, pela cabeça ou pelos hombros, uma saia (fig. 12 b), como distante e á beira-mar se via, e ainda vê, nas mulheres dos pescadores da Povia de Varzim. Antes, porém, de se generalisar este costume, a moda era o *manteu*, «do pescoço ao giólho», como em Miranda a *mantilha* até á curva do joelho (figs. 18 e 19 b), e ambas sem mangas, nem gola, nem capuz. Subsiste apenas, de burel ou saragoça, e com o nome de *capa*, em Castro Laboreiro. O chale de commercio tudo substitue, lento e lento (figs. 22 e 25): até, e de ha muito, o *gasalho*, antigo, pequeno e commodo envolucro do pescoço á cinta e cruzando sobre o peito <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> É ainda muito frequente em varias povoações da Galliza, como Arcade, Sottomaioir, Marim, Pontevedra, Villa Garcia, S. Thiago de Compostella, etc.

Mais que todos estes resguardos, porém, a *capucha* é o abrigo de maior vulgarização e preferéncia (figs. 20 e 21). No seu córte rudimentar consiste n'um rectangulo que, còbrindo a cabeça, prende á frente no pescoço e apenas se dilata pelos hombros <sup>1</sup>; e com o nome ainda actual de *capella*, denominava-se outr'ora, em Castro Laboreiro, *léra* ou *mantella*. Nas outras regiões, sendo mais longa tem, em geral, um recorte mais adaptado ao corpo; e até em Mezió, na Gralheira, e nas freguesias de Pinheiro



Fig. 30 a, b e c — Em Montesinho

e Ermida, em Castro Daire, se prolonga atraz em bico muito agudo. Para o trabalho, quando os rigores meteoricos dispensam os *corôços* (Villarinho de Negrões), as *coroças* (Campeã), os *coruchos* (Germil, S. Silvestre da Ermida, Cutéllo) e os *corucellos* (Pitões), todos de jungo, a *capucha* é de tomentos (Arga), ordinariamente de burel (Cabreira, Barroso, Gralheira, etc.) e, para a missa ou dias festivos, de saragoça.

Decerto a *capucha*, como pormenor da vèstimenta, inscreve a sua origem no *cucullus* que se adaptava ao *sagum* ou á *lacerna* gauleza <sup>2</sup>, ou se alongava como capa pelas espaduas <sup>3</sup>, procedendo dos povos do norte e dilatando-se até á Etruria e Roma <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> FONSECA CARDOSO, *Castro Laboreiro*, in *Portegalia*, fasc. 2, figs. 5-6 de pag. 183. Porto, 1906.

<sup>2</sup> DOTTIN, ob. cit., pag. 131.

<sup>3</sup> DE BELLOGUET, ob. cit., III, pag. 79.

<sup>4</sup> DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Cucullus* de S. REINACH, I, 2.ème part., pags. 1577-9.

É ainda ella que apparece na idade-media sob a fórma de pequeno mantelete com capuz, indifferentemente usada pelos dois sexos, mas principalmente affecta aos conegos



Fig. 31 a a p—Ornamentos de chapéus de palha (Serra das Alturas)

regulares (*aumusse*) e hoje ainda sobrevivente (*capulet*) em algumas localidades pyrenaicas <sup>1</sup>. E sob as denominações antigas de *cagoule*, de *gouelle* e de *mélote*, o sobretudo sem mangas e com capucho, redondo, desprovido de aberturas lateraes, de lâ grosseira e até de pelles de ovelha e cabra, mais ou menos longo, foi o agasalho preferente dos pastores francezes para as intempéries, e, nas fórmas actuaes da *cape* dos Pyrineus e da *limousine* do centro da França, é talvez o ultimo rebate do vestuario gaulez <sup>2</sup>.

Afóra esta cobertura a mulher usa frequentemente o *lenço* adquirido nos mercados (figs. 23, 24, 26 e 28), acontecendo mesmo, como em Sendim de Miranda, nunca prescindir d'elle e até de dois sobrepostos, envolvendo o exterior o queixo e a testa — de sorte tal que não poucas vezes só apparecem á luz as aberturas naturaes da face. Os homens já casados e edosos tambem no frio, em Miranda, envolvem a cabeça com o mesmo rectangulo de algodão, assim o mantendo ou accrescentando-lhe o chapéu (fig. 27). Mas a cobertura preferida é ainda, em geral, a *carapuça*, grande manga cylindrica fechada n'um dos topos, com bordo revirado e, actualmente, de côres pouco garridas (fig. 29 e fig. 3). Legitimamente a apparentaram com identico artigo de vestuario usado pelos gregos, etruscos e romanos, nomeadamente pastores, pescadores e outros homens de humilde condição <sup>3</sup>, e ainda agora visto em marinheiros e pescadores das costas italianas e hellenicis <sup>4</sup>.



Fig. 32—Abarca (Montemuro)



Fig. 33—Pica (Campeã)

<sup>1</sup> VIOLLET-LE-DUC, ob. cit., voc. *Aumusse*, III, pag. 31-6.—REGNAULT, ob. cit., pag. 339.

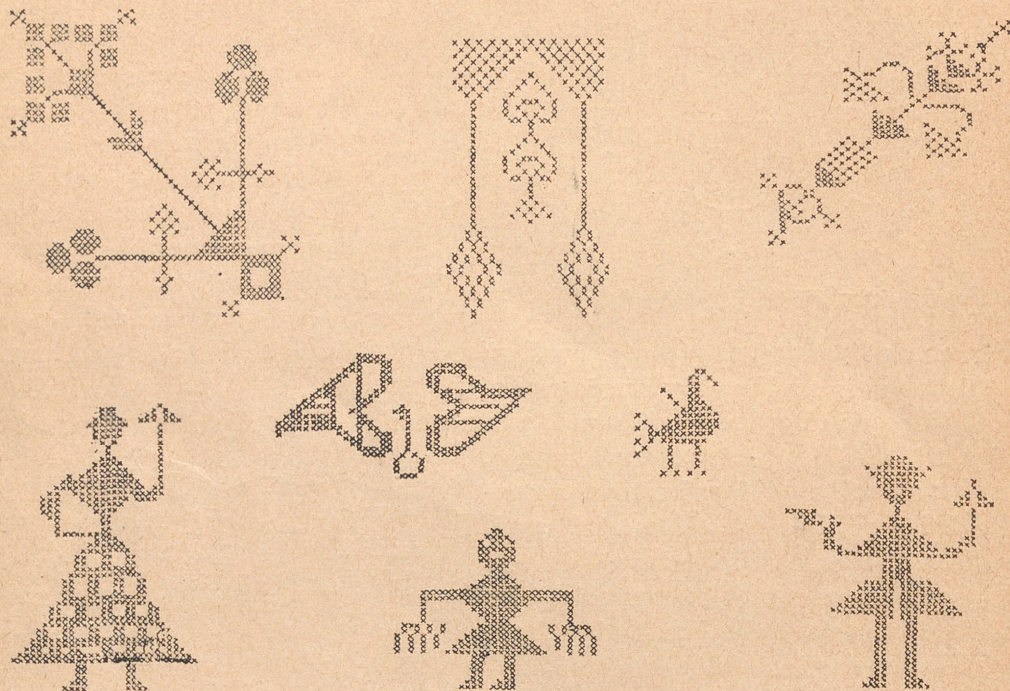
<sup>2</sup> VIOLLET-LE-DUC, ob. cit., vocs. *Cagoule*, *Gouelle* e *Mélote*, III, pag. 31-6, 89, 131-2, 413-5.—BUTEL, ob. cit., pag. 99.—REGNAULT, ob. cit., pag. 339.

<sup>3</sup> DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Pileus* de P. PARIS, VII, pag. 479-80.—MARQUARDT, ob. cit., II, pag. 214.

<sup>4</sup> E. GUHL et W. KONER, *La vie antique*, I, *La Grèce*, pag. 239. Rothschild ed. Paris, 1884.



O chapéu de aba larga, que nos mesmos povos da antiguidade se usou já, sobretudo pelos camponeses, caçadores e todos os que tinham de affrontar o sol <sup>1</sup>, não se vê em mulheres, como succede para a Estrella, em parte do littoral beirão e no Algarve, mas é commum nos homens e do typo conhecido pelas designações de *chapéu braguez* e de *sombreiro* (fig. 30 b). Só em Miranda a *gorra*, com as dobras viradas para o alto (fig. 5), abre uma excepção aos modelos consagrados. Nos trabalhos do estio, porém, o chapéu fabricado, em regra, no local <sup>2</sup> com palha de centeio é que se



Figs. 34 a 41—Ornamentos a ponto de cruz (Amarella, Barroso, etc.)

adapta commummente (fig. 30 c); e apesar de destinado aos labores ainda em Montesinho o enfeitam com rosaceas de panno, contas e botões, na Serra das Alturas lhe applicam fachas de chitas pespontadas com varios ornamentos (fig. 31 a a h), decorações recortadas em velhos tecidos (mesma fig. i a p), pennas de gaio e cordões pendentes para as costas, e em Cutêllo, na freguesia de Cibões, outros brincos entrançados de palha mais delgada.

A desaparecer com celeridade vae a *abarca*. Em Montesinho usou-se porventura, como nas regiões contiguas hespanholas, o pedaço de coiro que, além da planta

<sup>1</sup> DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Petasus* de P. PARIS, VII, pag. 421.

<sup>2</sup> Em Alhões, na serra de Montemuro, ha alguns annos já que a maioria das mulheres se occupa em faser *trança* de sete palhas centeias, que depois é vendida em S. Martinho de Paus, no concelho de Rezende, onde os chapéus são manufacturados. A trança é de dois typos conforme a espessura. Como realisem um certo lucro e assim evitem os ardores do sol, esta pequena industria local, de introdução recente, explica a crise de braços femininos para os trabalhos de campo, o que traduz visivelmente, não obstante a nova receita, certas difficuldades economicas attendiveis.

do pé, pouco revirava, fixando-se superiormente por laços entrecruzados. Era a sandalia primitiva, utilizada ainda, com insignificantes divergencias, pelos pastores da Italia, da Hespanha e das kabyilas da Argelia <sup>1</sup>. Na Gralheira tambem só lembra o antigo



Fig. 42 — Em Rebordãos

uso. Mas já nas povoações proximas de Montemuro ainda se encontra algum exemplar em que, além da palmilha, uma parte de coiro recortada envolve os dedos e pouco mais, completando-se a segurança com cordões (fig. 32). Mesmo para lavar, em Eiriz e Mós, que são logares das freguesias de Parada e Esther, preferem algumas vezes aos sócos a abarca mais leve e mais docil. E assim finda, no norte, o que subsiste da sandalia, abarca ou alpercata tradicionaes, cujo parentesco com as *gallicæ* de origem gauleza e as *soleæ* <sup>2</sup>, com os *compagi* de procedencia etrusca, com as *carbatinae*, adstrictas principalmente ao camponez e ao soldado e ainda com outras formas que os romanos por igual adoptaram <sup>3</sup>, avulta bem evidente não obstante a difficuldade d'algumas descriminações. Assim se extingue, mais breve do que em Hespanha, uma das primitivas e vulgares aquisições do homem como resguardo contra os contactos e asperesas do solo <sup>4</sup>.

Figurando a deusa Artemis os gregos representaram-a ou exhibindo nús os seus pés divinos, ou com sandalias atadas simplesmente com correias, ou calçada de borzeguins ascendentes, mais ou menos altos e á frente luxuosamente laçados e ornamentados <sup>5</sup>,—como que resumindo a evolução primeira do primeiro calçado humano!

Mais prevalecerão, decerto, nos climas chuvosos, os sócos de madeira, hydrofugos e quentes, economicos e salubres, principalmente entre a gente do campo e nos maus caminhos, como assegura uma

<sup>1</sup> BOURDEAU, ob. cit., pag. 258.—MICHELET, ob. cit., pags. 93-4.—PUIGGARÍ, ob. cit., pag. 45.—ESCOLANO, apud J. PEREIRA DE SAMPAIO, *O Encoberto*, pag. 187. Porto, 1904.—EDUARDO SOLER Y PEREZ, *Sierra Nevada y las Alpujarras*, pag. 83. Madrid, 1903.—SOTTO, ob. cit., pags. 23-4 e 93.

<sup>2</sup> DOTTIN, ob. cit., pag. 132.—DE BELLOGUET, ob. cit., III, pag. 81.—DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Gallicæ* de G. LAFAYE, II, 2.ªme part., pags. 1453-4.

<sup>3</sup> RICH, *Dict.*, voc. *Sandalium*, pag. 553.—DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, vocs. *Compagus* e *Carbatina* de E. SAGLIO, I, 2.ªme part., pags. 862-3 e 915-6.

<sup>4</sup> SOTTO, ob. cit., pag. 93.—VIOUET-LE-DUC, *Dict.*, voc. *Chaussures*, III, pags. 155-6.—LACROIX, *XVIII.ªme Siècle. Institutions, usages et costumes*, pag. 488. F. Didot ed. Paris, 1875.

<sup>5</sup> DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Endromis* de P. PARIS, II, 1.ªre part., pag. 615.



experiencia já remota e perseverada <sup>1</sup>. Adoptados por gregos, etruscos, romanos e gaulezes, igualmente estes empregavam os pregos, ou laminas de chumbo que evitavam o desgaste das sandalias <sup>2</sup> como hoje se reveste a madeira com *brôchas* para impedir um estrago acelerado. Os sócos serranos são abertos para verão e fechados para inverno (fig. 2 *a* e *b*; fig. 4; fig. 30 *a*, *b* e *c*, etc.), aproveitando-se naturalmente as madeiras locais como o amieiro (Gralheira, Bornes) e o vido (Castro Laboreiro) e geralmente



Fig. 43.—Pastor e vezeira de reichêlos (S. João do Campo do Gerez)

*cardando-os* sempre ou *brochando-os* fortemente com tachas. *Chólos* em Miranda, *sócas*, quando para mulheres, em Bornes, *chancas* mesmo, *tamancos* e geralmente *sócos*, estes artigos do traje, quando fechados, figuram umas botas de curto cano apertadas á frente com cordões de coiro, aos quaes em Castro Laboreiro chamam *presilhas*. Lembram bem certas formas dos *calcei* romanos <sup>3</sup>. E das mais rusticas subsistem ape-

<sup>1</sup> BOURDEAU, ob. cit., pags. 49 e 259. — VIOLLET-LE-DUC, *Dict.*, III, voc. *Patin*, pag. 170. — DENIKER, ob. cit., pag. 214. — LACROIX, *XVIII.ème Siècle* cit., pag. 488. — RICH, *Dict.*, voc. *Sculponea*, pags. 569-70.

<sup>2</sup> DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, vocs. *Caliga* de E. SAGLIO e *Crepida* de E. POTTIER, I, 1.ère part., pags. 849 e 1557-8.

<sup>3</sup> DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Calceus* de LÉON HEUZÉY, I, 1.ère part., pag. 816.

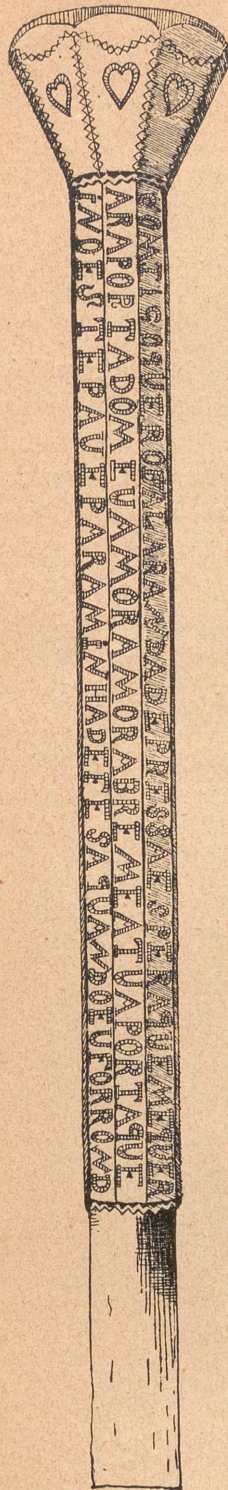


Fig. 44  
Moca (Miranda)

nas, em algumas povoações do alto, os *abarqueiros* de Castro Laboreiro <sup>1</sup> e porventura as *picas* da Campeã (fig. 33) com as quaes actualmente só se procede ao descasque da castanha secca.

Ao calçado occorre associar a *polaina*, que progressivamente cahe em desuso, apesar da sua utilidade para o frio, para as chuvas, para as neves, para certos serviços no monte e até, mais remotamente, como artigo de luxo. Geralmente só adoptada pelos homens (figs. 3, 12 *c* e 27), em algumas localidades como, em Terra de Miranda, nas freguesias de Iffanes, Constan-tim e S. Martinho, e ainda em Montesinho, em Arga e em Cas-tro Laboreiro tambem as mulheres, na estação rigorosa, a usavam (fig. 12 *a*), egualmente de burel mas mais curta. De ordinario nos homens a polaina, ou *poleina* e *polaino* como lhe chamavam em Montesinho, limitava-se superiormente pela curva do joelho e apertava-se externa e lateralmente com botões, de sola não raro. N'estas localidades, como nas povoações da Amarella, ex-cede o joelho uma mão travessa e mais; e na Cabreira, onde tambem a denominavam *sobre-calça*, e ainda em Salto, ao pene-trar-se em Terras de Barroso, chegava quasi á cinta, ajustan-do-se fortemente ás pernas com a sua fileira de botões unidos. Quando de luxo, e então preferentemente de saragoça, era capri-chosamente pespontada e munida de fivélas e de pestanas recor-tadas (Miranda, etc.)

A contrapôr a este artefacto, submettido a um molde con-vençional e, a bem dizer, geral, registram-se as polainas de palha centeia, fabricadas como as coroças, e empregadas, a quando o inverno, na Gralheira; o accessorio dos abarqueiros já alludidos, que é um panno de burel envolvendo a perna e a ella annexado por correias ou farrapos que se enlaçam; e na freguesia de Ta-lhada, em Montemuro, as alpercatas justas aos pés por farrapa-da, assemelhando-se ao que ainda se vê actualmente na terra aragoneza. Lembram todas as *fasciae crurales et pedules* roma-nas que no campo e na guerra protegiam os membros entrecru-sando-se e envolvendo-os, ou só até ao joelho (*tibialia*), ou co-brindo mesmo as coxas <sup>2</sup> (*feminalia*). Por fim o ultimo termo de simpleza encontrava-se e ainda se encontra mais raramente em Pitões ao observar-se, no inverno, as simples pelles atadas ás pernas com feixes de palha torcida e de jungos. É a este esboço de polaina, a alguns barretes e aos safões que se limita,

<sup>1</sup> J. AUGUSTO VIEIRA, *O Minho pittoresco*, I, fig. de pag. 20. Pe-reira ed. Lisboa, 1886.

<sup>2</sup> DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Fascia* cit., pag. 981. — IDEM, voc. *Impilia* de E. SAGLIO, V, pag. 434. — RICH, *Dict.*, voc. *Tibiale*, pag. 647.

no vestuário, a apropriação directa das pelles animaes, não incluindo, por não ser propriamente um artigo do traje, o *surrão* ou *serrão*, (Bornes, Barroso, Miranda, etc.) bernal ou saccola de pelle de ovelha onde os pastores condusem os alimentos para o monte:

Santo Antonio de Lisboa,  
Santo da minha devoção,  
Parti os dentes aos ratos,  
Não se me vão ao serrão.

MIRANDA.



Fig. 45  
Fumadeira (Castro Laboreiro)

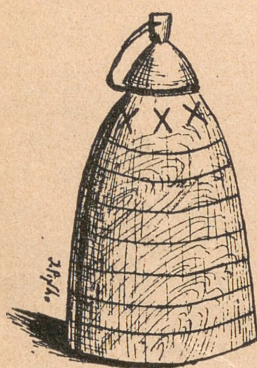


Fig. 46 — Patifa (Alhões)  
 $\frac{1}{2}$  da gr. nat.

Accessoriamente a luva de malha de lã grosseira foi, mais que hoje, um artigo de conforto e de relativo luxo, usada principalmente por gente abastada e nas solemnidades e dias festivos. Em igual posse andavam certas bolsas para dinheiro, de malha e bordadas a linhas de côr e com missangas, suas borlas e cordões polychromados. De dispersão geral, porém, na gente moça e ainda agora, são os lenços, outr'ora de estopa (Arga) e depois de linho fino e de cambraia. Encontram-se, como na Ribeira, em todas as localidades serranas e rememoram, pelos bordados a ponto de cruz, (figs. 34 a 41) a vetusta invenção do Egypto e da Phrygia, e pela forma e emprego o artefacto já romano (*facialia*)<sup>1</sup>. Às vezes em cada uma das quatro orlas simplesmente se avivam

os quatro versos da estrophe:

Neste lenço quiz faser  
Obras da minha habelidade  
Para um dia dar de prenda  
A quem tenho amisade.

AMARELLA.

E ainda:

Lenço bai aonde teu mando  
Baiter aqelle iardim  
Ajoel ha ibeiija amão  
Dal heu mabraco pormim.

PITÕES.



Fig. 48  
Berloque  
(Gralheira)  
 $\frac{1}{2}$  da gr. nat.

Em outro o centro do quadrado de linho exhibe, a vermelho e azul, dois corações unidos, uma chave ao meio, sob-postas as iniciaes do namorado, e, em volta, um losango assim exteriormente marginado:

Nada mais  
Posso dizer  
Soute firme  
Até morrer.

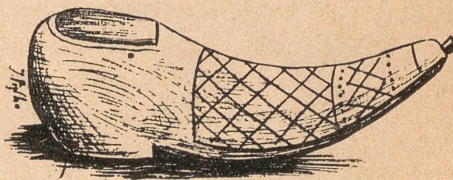


Fig. 47 — Patifa (Alhões)  
 $\frac{1}{3}$  da gr. nat.

<sup>1</sup> MARQUARDT, ob. cit., pags. 117-8 e 175.

Nos angulos do mesmo lenço vasos floridos, ramos e fructos e, orlando as bainhas, a quadra:

Accita esta lembrança  
Nao te isqueças de mim  
Este pinhor de amisade par  
A nunca mais ter fim.

CUTÉLLO (CIBÕES).



Fig. 49 — Em Miranda  
Frente

Ainda em outro, por ultimo, além de figuras humanas, arvoredos, uma cruz e um coração, alinham-se os versos, que seguem, em duas filas:

Com essa luz meiga pura  
Inveiam astros dos ceus  
Que dizem teus lindos olhos  
Quando olham para osmeus.

Com gosto fiz estelencço  
Com mil cuidados em ti  
Com pena de te não ber  
Eu este lenço escr evi.

BARROSO.

Os guarda-soes, n'um e n'outro sexo, constituem tambem um objecto de luxo, sendo mesmo de uso, em S. João do Campo do Gerez, todos os que acompanham casamentos irem com elles abertos ainda que não esteja descoberto o sol nem caia chuva. Já o *pau*, o *cacête*, a *cajata* (Rebordãos) são na marcha, na conducção dos rebanhos (fig. 43) e a passeio (fig. 42), um accessorio indispensavel — e ás vezes mesmo, nas tardes de domingo, com uma foice no alto (Miranda) para amputar, na digressão, alguma vara, renôvo ou galho morto. As velhas *mocas* que se levavam outr'ora ás romarias, pintadas quasi sempre e adornadas de sorte a lembrarem certos bastões de madeira ornamentados já da idade do bronze <sup>1</sup>, cahem rapidamente no esquecimento e no desuso. N'algumas que ainda subsistem (fig. 44), semelhantemente ás declarações affectuosas dos lenços, inscreviam-se ardentes e prolixos testemunhos de paixão, aos quaes se adicionava, repetindo-o, o symbolo popular e outros ornamentos.



Fig. 50  
Em Miranda  
Perfil

Em mais objectos de emprego comesinho, como os *cornipos* para a obtenção do fogo <sup>2</sup>, as *fumadeiras* (fig. 45) e as *patifas*, que são caixas de nogueira ou de lódo (Alhões) affectando formas varias, como a d'uma pera ou d'um sapato (figs. 46 e 47) e incluindo tabaco picado para cheirar, ainda se revela a inclinação pelo ornamento. Ás vezes o serrano esculpe mesmo berloques para correntes (fig. 48) — pois em breves annos será raro encontrar povoação como a de Montes, proximo da Telhada (Marão), em que só um dos dezoito moradores tinha relógio!

<sup>1</sup> O. MONTÉLIUS, *La civilisation primitive en Italie etc.* I, *Italie septentrionale*, pags. 99-100 do texto e figs. 2 e 3 da pl. 13, serie B do Atlas. Stockholm, 1895.

<sup>2</sup> ROCHA PEIXOTO, *Iluminação popular*, in *Portvgalia*, II, fasc. 1, pags. 36-7. Porto, 1905.

O entusiasmo pelo adorno é mais accentuado, naturalmente, nas mulheres. Os homens, e sobretudo os moços, não escapam á seducção, de modo, certamente, mais sobrio. E assim teria de ser, de tam longe vem a inclinação pelo enfeite, tão inicial e ingenita é a vaidade de brilhar. Sempre o homem quiz dar de si uma ideia vantajosa, cioso de que o distingam dos outros; a nudez ornou-se antes de se vestir; o orgulho nasceu antes do pudor <sup>1</sup>. Mesmo este sentimento não é innato <sup>2</sup> e os povos selvagens exhibem-se mais ornados do que vestidos <sup>3</sup>. Diademas, braceletes e collares de ossos, pennas, dentes, conchas, sementes e coraes dos povos barbaros, ou de metaes nobres, de esmaltes e de pedrarias no Egypto, na Grecia, na Etruria, em Roma e nas Gallias, de então até agora, na sua infinita multiplicidade são de intima analogia e apenas com divergencias materiaes e technicas. Por isso subsiste e prevalecerá, mesmo sob a forma humillima com que as mulheres mais pobres do planalto barrosão, não podendo adquirir os dois fios de contas de oiro que a maioria usa até nas penosas colheitas do feno e do fento, as compram e adoptam sequer de vidro opaco ou córado. Os anneis e principalmente os brincos, os fios de contas, os cordões, voltas ou cadeados, com seus crucifixos e relicarios suspensos são os adereços de preferencia, bem evidentes sobre o peito nas occasiões de gala familiar ou local. Ainda, como na antiguidade e nas populações rudimentares, é o mesmo logar o preferido e, com a cabeça, o mais proprio para a exhibição dos atavíos!



Fig. 51 — Em Pitões

Assim resenhado este capitulo da indumentaria serrana ha que banir a convicção ainda admitida da persistencia, nos retiros montanhezes, de velhos padrões de traje. E certo em Miranda subsistir a capa de honras como agasalho preferivel, mas já raramente se encontra a *gorra* com as beiras dobradas para cima, a jaqueta com botões do mesmo panno e gola alta, o collete de trespasse e dobras, os calções de alçapão e até as polainas (figs. 49 e 50) <sup>4</sup>. De ordinario as peças que os velhos ainda conservam, ou já as não usam ou as utilizam com roupas d'outro cóрте. N'outras povoações lembra a moda do calção, meia e casaca de rabos (Alhões), do calção apertando com tres botões

<sup>1</sup> H. BAUDRILLART, *Histoire du luxe privé et public depuis l'antiquité jusqu'à nos jours*, I, pags. 4 e 166. Hachette ed. Paris, 1880. — ARY RENAN, *Le costume en France*, pag. 11. Quantin ed. Paris, s. d. — DENIKER, ob. cit., pags. 203-4.

<sup>2</sup> E. GROSSE, *Les débuts de l'art*, trad. de E. DIRR, pag. 70 e segs. Alcan ed. Paris, 1902.

<sup>3</sup> GROSSE, ob. cit., pags. 40-1.

<sup>4</sup> Em grande parte de Castella-a-Velha é mais frequente o uso dos calções de alçapão e da polaina; e o amplo capote de cabeção franjado lembra a capa de honras, excepção dos ornamentos e do *bacalhau* (a honra). Vigoram, por egual, os safões de coiro.

e depois a polaina (Pitões), da casaca com duas ordens de botões, das nisas, até de burel, ainda não abolidas totalmente nos povos de Lourido e de Sobredo (Ponte da Barca). Já considerado antigo é o figurino d'um homem velho de Pitões (fig. 51) com o seu capote de burel de gola alta e cabeção, a vestia curta, a calça de alçapão, a camisa de tres-passe e colar subido com bordados a branco e coloridos, os sócos fechados e a carapuça.



Fig. 52 — Em Lindoso

Apenas n'uma ou n'outra casa se archivam, da antiga vestidura, as melhores peças; e assim é possível examinar certas camisas de collarinhos altos com ilhós e rendas, colletes de tres-passe com tres ordens, á frente, de botões de vidro azul ou verde e apertando atraz como prendem os colletes das mulheres, jaquetas que dariam pela cinta com gola erecta e colchetes negros de alto a baixo, calças de alçapão e bolsos com pestana que dobrava em triangulo prendendo n'um botão e capotes azues com cabeções e golas direitas (Montalegre). Só por indagações perseverantes e tantas vezes frustradas se consegue occasionalmente faser reviver (fig. 52) o padrão de luxo da primeira metade do seculo ido: jaleco desafogado, até á cinta, vindo as dobras da gola ao meio do peito, com duas ordens de botões e duas de casas, dois bolsos e as mangas de canhão; collete vasto, d'um tecido listado e avelludado; calções de alçapão com botões de prata desde o meio da coxa ao joelho; polainas de saragoça, debruadas superiormente a velludo e com botões do mesmo panno; chapéu do antigo modelo conhecido, especie de «tromblon» ou «bolivar» (Lindoso). Analogamente é já difficil obter esse modelo de mulher vestida (figs. 53 e 54) com camisa de linho e suas rendas no pescoço, jaqué de panno azul com hobreiras e parte das mangas franzidas, gola e punhos de velludo e pestana ou rabo nas costas, saia lisa de *panno*, avental de velludo com rendas, sócos ou chinellos e lenço de cambráia bordado a branco (Montalegre). Mais recatadamente conservadas, porém, são peças que um saudoso respeito ainda venera: certo collete de baeta vermelha, com gola e recortes á frente, de velludo, apertando com tres grossos botões de latão doirado; uma capa azul, que não excederia a curva dos joelhos, debruada em toda a volta com fita larga de seda lavrada e um cabeção terminando em bico e borla (Lindoso); outros pequenos artigos de antigo uso geral.

A mulher de Castro Laboreiro com capella de palmilha, jaqueta e collete de saragoça, mandil de fuloadado, saia de riscadilho, calções de burel por cima das piucas, sócos e o fateiro de baeta branca a envolver a creança <sup>1</sup> só se veste assim nos loga-

<sup>1</sup> FONSECA CARDOSO, figs. cit. na ob. cit.







Fig. 53 — Em Montalegre  
Frente

uma moda que afinal e apenas se distanciava demasiadamente da sua epocha. E semelhante imitação, tam humana e tam geral, filiava-se e ainda se subordina, porventura com mais intensidade, a leis psychicas primordiales <sup>2</sup>, verificado, de resto, como está que a moda segue de cima para baixo, adoptando as classes populares, por lhes parecerem mais honorificos, os vestuarios das que consideram superiores <sup>3</sup>.

D'um modo mais geral assignalou-se já que entre nós, nos fins do seculo xv, a trans-

<sup>1</sup> Convém anotar que certas illustrações do *Album de Costumes Portuguezes* (David Corazzi ed. Lisboa, s. d., [1888]), copias de aguarellas originaes de varios artistas acompanhadas de artigos descriptivos de varios escriptores, são verdadeiramente do dominio da opereta ou da novella! Exemplos: traje antigo de Trazos-Montes, pastor serrano e, nomeadamente, a pastora de Barroso!... Prosegue, infelizmente, o mesmo ludibrio e deploravel ensinamento em algumas publicações recentes.

<sup>2</sup> REGNAULT, ob. cit., pag. 333.

<sup>3</sup> GROSSE, ob. cit., pag. 81.

res altos; e tambem só pela idade provecta, o apêgo ao uso antigo e a miseria se explica est'outra mulher de Pitões (fig. 55) com o seu jaleco curto e fechando com botões de vidro azues, a facha vermelha por dentro do collete, as curtas polainas de burel com botões de sola e o rectangulo egualmente de burel envolvendo o corpo da cinta para baixo, á maneira d'uma grande tanga <sup>1</sup>.

Varios d'estes padrões são afinal reminiscencias de antigas modas que da Ribeira subiam á montanha. Afóra os artefactos privativos dictados pelos recursos locais e condicionados por circumstancias meteoricas, que teriam sido, aliás, de adopção geral nas populações serranas, a moda da planicie, embora com menos latitude do que hoje, tambem penetrou nas familias economicamente mais favorecidas. É na descendencia que ainda sobrevivem alguns despojos. Decerto que as massas profundas da população só muito lentamente as imitariam, considerando-se pois e ás vezes grotesca



Fig. 54 — Em Montalegre  
Costas

formação dos costumes se accentua, usando geralmente o povo, rico e pobre, como o fidalgo, o traje que mais lhe apraz, embora contradictorio com os proprios haveres e condição <sup>1</sup>. Este novo aspecto social, accusando uma vida menos rude <sup>2</sup>, coincide com a tendencia dos lavradores e mechanicos a repellirem os antigos mistéres pretendendo ascender hierarchicamente a outros destinos <sup>3</sup>. E ainda é interessante annotar a insistencia com que o povo pugnava em côrtes pela conservação dos trajes distinctivos de classes quando d'elle, precisamente, advinha a confusão <sup>4</sup>.



Fig. 55 — Em Pitões

Aos desmandos correspondem naturalmente as repressões. Na Hespanha mesmo se antecipam, sendo o primeiro ordenamento restrictivo do luxo datado dos meados do primeiro quartel do seculo XIII <sup>5</sup>. Succedem-se os editos, as ordenanças, os fóros com as suas prohibições, as decisões dos concilios e synodos, tam notavel por vezes era o fausto dos fidalgos, dos prelados, dos dignitarios ecclesiasticos e da clerezia <sup>6</sup>. A seu tempo entram as classes dos mesteiraes. E ainda no seculo XVIII a Hespanha lança pragmaticas <sup>7</sup> tam estereis como as anteriores pois nunca escasseiaram os meios de as illudir.

Em França os auctores do principio do seculo XIII testemunham que nos dias de festa as roupas mais sumptuosas, semelhantes ás usadas nas cidades, appareciam nas aldeias <sup>8</sup>; e no seculo XVI, é o proprio homem dos campos quem provoca uma das suas leis sumptuarias <sup>9</sup>. Bernardo de Palissy (apud Baudrillart) diz que «le laboureur veut faire de son fils un monsieur». A loucura do luxo, em todas as classes francezas determina, nos meados do seculo alludido, nada menos de oito diplomas repressivos. E já uma centuria antes, de tal sorte as modas das cidades se insinuavam nos campos que um *rimeur* do tempo (1400) escrevia <sup>10</sup>:

S'un grand porte mantel envers,  
Incontinent un vilain sers (serf)

Aussi se prend envers porter  
Pour les bien nobles ressembler.

<sup>1</sup> GAMA BARROS, *Historia da administração publica em Portugal nos seculos XII a XV*, I, pag. 533. Imp. Nac. Lisboa, 1885.

<sup>2</sup> GAMA BARROS, ob. cit., I, pag. 537; II, pag. 207. Typ. da Acad. R. das Scs. Lisboa, 1896.

<sup>3</sup> GAMA BARROS, ob. cit., I, pag. cit.

<sup>4</sup> GAMA BARROS, ob. cit., II, pag. 209.

<sup>5</sup> CH. DAVILLIER, *Recherches sur l'orfèvrerie en Espagne au Moyen-Age et à la Renaissance*, pag. 118. Quantin ed. Paris, 1879.

<sup>6</sup> SOTTO, ob. cit., pags. 95-196. — PUIGGARÍ, ob. cit., pags. 115-158. — DAVILLIER, ob. cit., pags. 118-127.

<sup>7</sup> PUIGGARÍ, ob. cit., pag. 228.

<sup>8</sup> QUICHERAT, ob. cit., pag. 325.

<sup>9</sup> BAUDRILLART, ob. cit., III, pag. 438. Paris, 1881.

<sup>10</sup> QUICHERAT, ob. cit., pag. 326.

As nossas leis sumptuarias de Affonso iv e João i, e bem assim as ordenações affonsinas que confirmam as prescrições do ultimo monarcha <sup>1</sup> são inefficazes, como afinal o foram sempre e em toda a parte—em Castella <sup>2</sup>, onde no seculo xvi já lhes reconheciam a inutilidade, na França, na Italia e na Inglaterra <sup>3</sup>.

Mas se apesar da multiplicidade de causas que melhor mantinham o serrano alheio a intrusões e influencias exteriores ou, sequer, tardo e lento para alterações nas suas vestes, ainda assim o padrão de fóra se infiltrou, agora a uniformisação generalisa-se, todas as aquisições de tam experimentado proveito se abandonam e com o acerto, a sobriedade, as vantagens e a economia morrem tambem o character e o pittoresco do seu trajar.

Porto. Agosto, 1906.

ROCHA PEIXOTO.

---

<sup>1</sup> GAMA BARROS, ob. cit., I, pag. 536.

<sup>2</sup> DAVILLIER, ob. cit., pag. 127.—SOTTO, ob. cit., pags. 153-6.

<sup>3</sup> GAMA BARROS, ob. cit., II, pag. 208.—A. RENAN, ob. cit., pags. 41, 62, 147-8, 191, etc.

